

GEODIVERSIDADE DO ALTO RIO NEGRO: COSMOLOGIA YEPAMAHSÃ E DESANA

GEODIVERSITY OF THE UPPER RIO NEGRO: YEPAMAHSÃ AND DESANA COSMOLOGY

Cisnea Menezes Basilio ¹

Raimundo Humberto Cavalcante Lima ²

Resumo: O artigo parte da percepção da correlação dos elementos da geodiversidade com os elementos cosmológicos indígenas do Alto Rio Negro, a partir de dois *Kihti ukuse* (narrativa ancestral) *Yepamahsã* (Tukano), e das obras do artista plástico Desana Feliciano Lana. Para isso foram utilizadas as obras “OMERÕ Constituição e Circulação de Conhecimento *Yepamahsã*” e “Agenciamento do mundo pelo KUMUÃ YE´PAMAHSÃ”, desenvolvidas por intelectuais indígenas do Alto Rio Negro. Foram selecionadas três áreas para correlação, que correspondem ao cartão postal da sede urbana do município de São Gabriel da Cachoeira compreendida, o Morro Boa Esperança, Serra do Cabari e Serra de Curicuriari, e seu entorno. O município de São Gabriel da Cachoeira é o município com maior diversidade étnica do Brasil, o que evidencia características culturais bem marcantes, e de território de resistência. As narrativas indígenas desde sua cosmologia de criação do mundo, do ser humano até a prática atual do *Bahsese*, associadas à geodiversidade indicam uma conexão intrínseca à cultura indígena no seu cotidiano de vida e seus lugares.

Palavras-Chave: Geodiversidade, Cosmologia indígena, *Yepamahsã*, Desana.

¹ Mestranda em geociências pela UFAM. Geóloga do povo Desana, atualmente Coordenadora do NIFFAM/SECTI/SEDECTI Ações Alto Rio Negro.

² Geólogo pela Universidade Federal do Ceará, mestre em Geociências pela Universidade Estadual Paulista - IGCE - UNESP e doutor em Geologia Regional na UNESP/Rio Claro (SP) com período de doutorado sanduíche (PDEE-CAPES) na Universidade de Aveiro e no Centro Tecnológico da Cerâmica e do Vidro - CTCV em Coimbra - Portugal sob orientação do Prof. Dr. Celso de Sousa Figueiredo Gomes. É membro do Núcleo de Apoio à Pesquisa em Patrimônio Geológico e Geoturismo (NAP - GeoHereditas) e membro da diretoria executiva da Associação Brasileira de Defesa do Patrimônio Geológico e Mineiro (AGeoBR) Biênio 2023-2025.

Abstract: The article starts from the perception of the correlation between elements of geodiversity and the cosmological elements of the indigenous peoples of the Upper Rio Negro, based on two *Kihti ukuse* (ancestral narratives) of the *Yepamahsã* (Tukano) and the works of the Desana artist Feliciano Lana. For this purpose, the works “OMERÕ Constitution and Circulation of *Yepamahsã* Knowledge” and “World Agency by KUMUÃ YE’PAMAHSÃ”, developed by indigenous intellectuals from the Upper Rio Negro, were used. Three areas were selected for correlation, which correspond to the postcard sites of the urban center of São Gabriel da Cachoeira: Morro Boa Esperança, Serra do Cabari, and Serra de Curicuriari, and their surroundings. The municipality of São Gabriel da Cachoeira is the most ethnically diverse municipality in Brazil, which highlights its well-marked cultural characteristics and its status as a territory of resistance. Indigenous narratives, from their cosmology of the creation of the world and human beings to the current practice of *Bahsese*, associated with geodiversity, indicate an intrinsic connection to indigenous culture in their daily life and their places.

Keywords: Geodiversity, Indigenous cosmology, *Yepamahsã*, Desana.

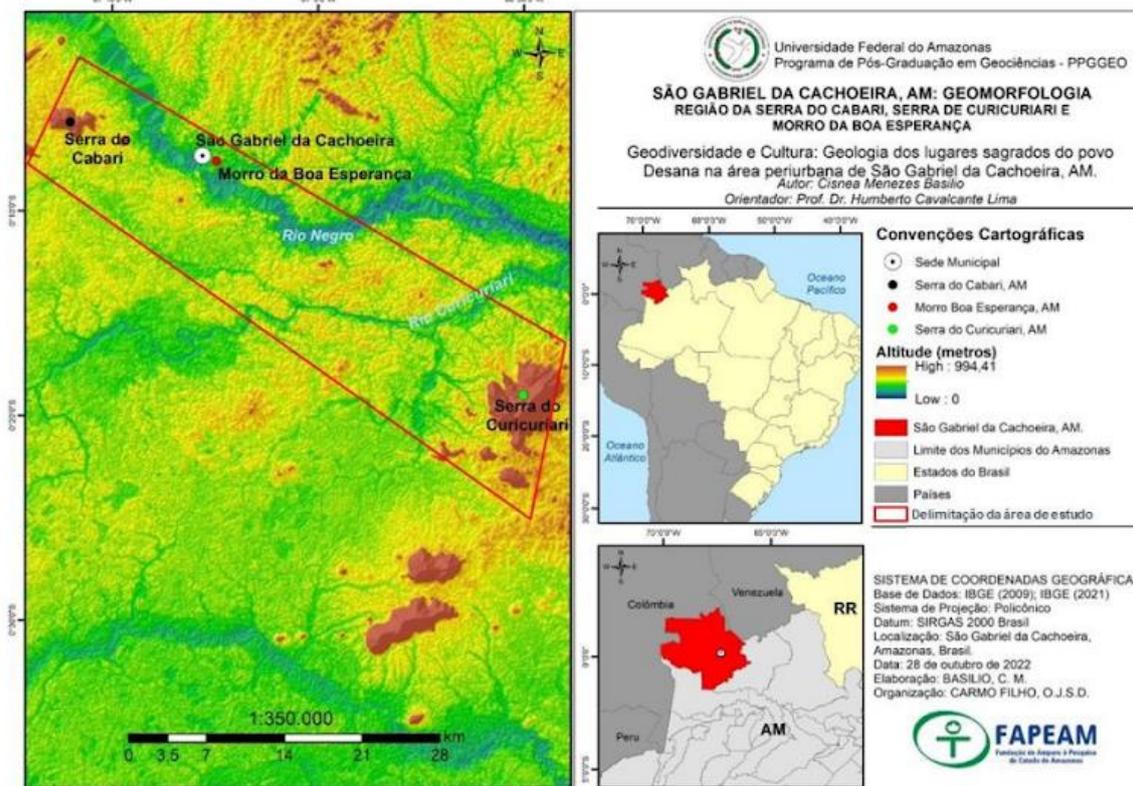
1. Introdução

O presente artigo apresenta a relação/conexão existente entre os elementos da geodiversidade, e as narrativas cosmológicas indígena do Alto Rio Negro, a partir da referência bibliográfica dos intelectuais indígenas rio negrinhos. Para isso foram utilizados os livros “OMERÕ Constituição e Circulação de Conhecimento *Yepamahsã*” (Barreto et. al., 2018) e “Agenciamento do mundo pelo KUMUÃ YE’PAMAHSÃ” (Azevedo, 2018), onde constam inferências a elementos geológicos, bem como a obra do artista plástico Desana Feliciano Lana. Para esse artigo foram selecionadas três áreas para correlação, estas correspondem ao cartão postal da sede urbana do município de São Gabriel da Cachoeira compreendida pelo Morro Boa Esperança, Serra do Cabari e Serra de Curicuriari, e seu entorno (Figura 1).

Os povos indígenas do Alto Rio Negro possuem uma relação muito especial com as paisagens. Suas narrativas cosmológicas estão repletas de referências geográficas/geomorfológicas que delineiam rotas de lugares especiais relacionados à origem do mundo e de seus primeiros ancestrais. Segundo Scolfaro (2014), é evidente a relação especial que esses povos possuem com o território e suas paisagens e ao modo como a geografia/geoformologia, nas sociocosmologias rionegrinas, se constitui como um princípio orientador da história e do xamanismo e, no limite, da própria vida.

O município de São Gabriel da Cachoeira na região do Alto Rio Negro, possui grande diversidade cultural, onde cerca de 90% da população é indígena, distribuídos em 23 grupos étnicos, com 21 línguas faladas, 04 línguas cooficiais, e 05 Terras Indígenas demarcadas. Compreende ainda uma rica paisagem formada por rochas graníticas, montanhas e corredeiras, banhadas pelo rio Negro e seus afluentes, constituído de características geomorfológicas marcadas por narrativas cosmológicas dos povos que ali vivem.

Figura 1 - Localização da área selecionada. São Gabriel da Cachoeira, Amazonas.



Layout cartográfico: autoria própria (2022), dissertação mestrado.

2. Lugares sagrados do Alto Rio Negro e Geodiversidade

Existem lugares de grande significância cultural e expressão de valores ancestrais denominados de sítios naturais sagrados (SNS) formados por montanhas, vulcões, rios, lagos, nascentes, ilhas, áreas marinhas ou florestas, entre outros, reconhecidos como sagrados por um determinado grupo social, bem como lugares de devoção para tradições, crenças e religiões institucionalizadas (Fernandes Pinto, 2015).

No Alto Rio Negro tem o SNS Cachoeira de Iauaretê (ou das Onças). Este santuário é um lugar sagrado associado aos mitos de origem de vários povos indígenas que habitam os rios Uaupés e Papuri no Alto Rio Negro, município de São Gabriel da Cachoeira/AM, que foram reconhecidas como patrimônio cultural imaterial brasileiro em 2006 (Jaenisch, 2011; IPHAN, 2008).

Uma versão síntese bem conhecida e documentada da origem dos povos do Alto rio Negro, é a famosa viagem da cobra-canoa que parte do “lago de leite”, no extremo oriente da terra, e sobe os rios da bacia amazônica e do rio Negro até as suas cabeceiras, carregando em seu ventre os ancestrais dos diversos grupos étnicos. Essa viagem, que dá origem à humanidade, é também uma passagem entre distintas dimensões espaço temporais, ou distintos níveis cósmicos.

Além da importância da rota em si, que vai da baía da Guanabara até Ipanoré Cachoeira, diversos pontos ao longo desse trajeto são reconhecidos por serem locais

onde os ancestrais dos povos indígenas do Alto Rio Negro vivenciaram determinados eventos cruciais para a sua transformação em seres humanos verdadeiros. Nesses locais, chamados também de “casas de transformação”, eles obtiveram uma série de artefatos, capacidades e conhecimentos que passaram a compor o “patrimônio cultural” de cada grupo de descendência.

Cada etnia, e mesmo cada grupo de descendência, tem sua própria visão, marcando detalhes específicos, seja na designação dos lugares (toponímia), seja nos nomes ou no destino dos seres cosmológicos, marcas de sua identidade étnica e cultural específica. Entre as diversas etnias do Alto Rio Negro encontram-se a Desana (*Wirã*) e Tukano (*Yepamahsã*), dos quais os conhecimentos são abordados nas referências bibliográficas aqui trabalhadas.

3. “OMERÕ” - Constituição e Circulação de Conhecimentos Yepamahsã

O livro Omerõ, consiste no resultado do trabalho coletivo de antropólogos indígenas e não indígenas do Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena (NEAI/UFAM).

Essa obra traz luz para elucidação de questões muito inerente ao conhecimento dos especialistas *Yepamahsã* para uma lógica epistemológica a partir do tripé *Kihti ukuse* (narrativa ancestral), *Bahsese* (repertório de palavras com poderes - *omerõ* - de proteção, cura e destruição, e de comunicação extra-humana com os *waimahsã*) e *Bahsamori* (conjunto de expressões rituais que envolvem cantos, danças, instrumentos musicais, bebidas e o ritual *póose/dabucuri*).

No esforço de compreender a relação existente entre a geodiversidade do Alto Rio Negro e os lugares sagrados materializados nas belas paisagens da região, o livro Omerõ permite o aprofundamento e a compreensão desses lugares não somente como a extensão de um conhecimento ancestral, mas como uma conexão dinâmica entre corpo, o universo, e seus criadores.

Embora implícito, é perceptível na obra a presença de elementos da geodiversidade, como mencionado no capítulo do *Kihti ukuse*, sobre a constituição dos cosmos a partir da existência de dois mundos primordiais, *umuse pati* (superior); e *wamudiá pati* (inferior); *yagu* (coluna central no espaço vazio entre *umuse pati* e *wamudiá pati*); *ati pati* (plataforma terrestre no centro da coluna central). Na plataforma terrestre (*ati pati*) foram criados a terra, a floresta, as fontes e os cursos d'água e todos os seus habitantes, com exceção dos seres humanos, que apareceram posteriormente.

Aplicando o conhecimento *Yepamahsã* à geologia, pode-se inferir que a plataforma terrestre corresponde ao que se entende na geologia como crosta terrestre, onde as condições de ambiente e temperaturas possibilitam a existência da vida humana.

Para esse artigo foram selecionados dois *kihti ukuse* citados na obra Omerõ. O (1) *Yupuri Bahsebo* e (2) *Nokoãtero-oãku* e *Diadoé*. Na região do Alto Rio Negro, os *kihti ukuse* apresentam cenários das aventuras dos *Bahuarimahsã* (heróis culturais

organizadores do cosmo). Seus feitos e aventuras são responsáveis pela origem das técnicas de pesca, de agricultura e caça, da fabricação de bebidas (especialmente o caxiri), de instrumentos musicais, pinturas, artefatos, armas, etc., que viriam a ser empregadas pelos futuros humanos. Foram eles que, por meio das tramas vividas, fizeram surgir as paisagens, o *bahsese*, os ritos cerimoniais de *bahsamori*, as regras de *betise* (conjunto de abstinências e restrições) e a grande maioria das doenças (Barreto et al., 2018).

3.1. *Yupuri Bahsebo*

Após o conflito com seu filho, o detentor das manivas, *Yupuri Bahsebo*, decidiu sair do alto Rio Negro e viajar rio abaixo. No percurso, encontrou a família (pai e filhas) de *Wariró*, que moravam numa serra na atual cidade de São Gabriel da Cachoeira. *Wariró*, que não conhecia a técnica de fazer roçado, não possuía maniva e muito menos dominava o processo de extração de produtos à base de mandioca, ordenou que as filhas seduzissem *Yupuri Bahsebo*. Foi isso que aconteceu. Conquistado pelas belas mulheres, o herói passou a morar na casa de *Wariró* e a ensinar as técnicas de roçado, plantio da maniva e de outras plantas de roçado. (Barreto et al., 2018).

Nesse *Kihti* é possível perceber a presença e a relação dos elementos da geodiversidade. A serra mencionada corresponde à serra de Curicuriari, localizada no rio de mesmo nome, essa estrutura geomorfológica é tida na narrativa como morada de *Wariró*. Atualmente é o principal cartão postal da cidade. Outro elemento da geodiversidade muito importante contido na narrativa, é o solo e seu manejo, primordial para o cultivo de plantas alimentícias cultiváveis. (Barreto et al., 2018).

A Serra Curicuriari, também chamada de Bela Adormecida, é um conjunto de montanhas, com relevos residuais (*monadnocks*) que se sobressaltam da superfície aplainada ao redor. É considerada um dos mais belos cartões postais visto a partir da sede do município, fazendo parte das narrativas cosmológicas locais, como a casa/morada de *Basebó* e *Wariró*.

3.2. *Ñokoãtero-oãku e Diadoé*

O filho de *Ñokoãtero-oãku* (“ser estrela”) estava infestado de feridas e com muita secreção no corpo. Seu pai aproveitava da condição do filho para ser bem-sucedido nas pescarias. Levava-o todos os dias para a beira do rio para atrair os peixes com as secreções e aproveitava para alvejá-los com sua flecha. Com bastante facilidade, pescava e logo retornava para sua casa, passando a dedicar o maior tempo ao seu roçado. Desconfiados da facilidade com que *Ñokoãtero-oãku* capturava os peixes, os jovens da aldeia resolveram espioná-lo e acabaram descobrindo seu verdadeiro método. Certo dia, resolveram aplicar o mesmo recurso, conduzindo a criança para a beira do rio, porém não tomaram o devido cuidado, razão pela qual a serpente *pirõ* (cobra traíra) foi atraída pela secreção da criança e acabou por devorá-la. Quando soube do acontecido, *Ñokoãtero-oãku* sai à procura da serpente assassina. Ao encontrá-la nas águas do Rio Negro, nas corredeiras de São Gabriel da Cachoeira, capturou-a com a armadilha chamada *matapi*, arrastou-a para terra firme,

arrancou suas escamas e a cortou por inteiro. Arremessadas em todas as direções, suas escamas deram origem aos peixes do grupo *doe*, as traíras grandes. As escamas jogadas na direção norte deram origem ao grupo de traíras pequenas e médias. Aquelas jogadas na direção sul deram origem ao pirarucu. (Barreto et al, 2018)

Esse *kihti ukuse* é uma das referências do surgimento das paisagens montanhosas, das pedras e das corredeiras de rio; da origem dos peixes do grupo da traíra e das minhocas de grande porte. Associa-se ao *bahsero-bahsese* de cura de feridas do corpo. Trata também sobre a origem dos *nimá*, venenos (curare) usados na caça de animais e também para vingança. Na narrativa de *Ñokoãtero-oãku* e *Diadoé*, verifica-se o rio como principal feição geológica de uso para de subsistência alimentar, através da pesca, bem como para locomoção no território (BARRETO et al, 2018).

As duas narrativas cosmológicas apresentam conexão direta com as áreas de interesse geológico selecionadas: a de *Diadoé* (cobra Traíra) com o morro Boa Esperança, morro da Fortaleza entre outras feições; a de *Bahsebo* com a serra de Curicuriari. Ambas são *kihti ukuse* utilizadas em *Bahsese*.

As rochas predominantes na formação geológica na sede municipal correspondem a rochas da fácies granítica São Gabriel, formando a paisagem compostas de desabamentos e rolamentos de grandes blocos de rochas graníticas, que se amontoaram e posteriormente foram submetidas a processos erosivos pela ação da água e remoção mecânica do solo, criando grandes salões internos, como no morro da Boa Esperança, além de lajedos e blocos graníticos rolados ao longo da orla da cidade.

4. Agenciamento do mundo pelos KUMUÃ YE'PAMAHSÃ

O livro “Agenciamento do mundo pelos KUMUÃ YE'PAMAHSÃ”, faz parte da coleção “Reflexividades Indígenas” que compõem quatro livros de intelectuais indígenas *Yepamahsã* (Tukano) do Alto Rio, Dagoberto Lima Azevedo (2018), Gabriel Sodré Maia (2018), João Rivelino (2018), e João Paulo Barreto (2018).

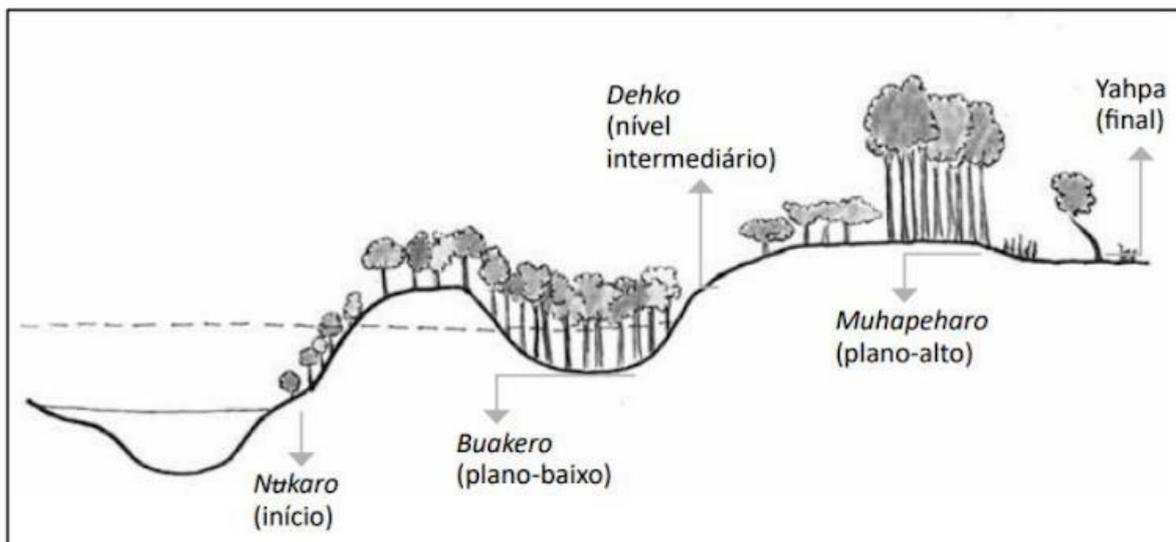
O livro escolhido para essa segunda parte do artigo é de autoria de Dagoberto Lima Barreto, que consiste no trabalho de pesquisa desenvolvida durante seu mestrado, onde o autor apresenta os resultados e aportes do seu trabalho à discussão e análise de uma parcela do conhecimento *Yepamahsã*, tendo a antropologia e o conjunto dos *bahsese* como mestres e orientadores para descrever os espaços *ome pati*, *di'ta nuhku* e *ahko pati*, já explicados acima.

Aqui será abordado o conteúdo inicial referente ao capítulo “*Di'tá Nuhku*” (Terra/Floresta) pela lógica do *Bahsese*, cabe ressaltar que a obra apresenta conteúdo extensamente rico em detalhes que necessitaria de maior análise e tempo para contemplar a qualidade de seu conteúdo.

Para o artigo traz-se uma breve, porém importante correlação com a geodiversidade, a partir do relevo da geomorfologia na visão dos *Yepamahsã*, bem

como da composição dos solos desses relevos. Divisão do relevo (Figura 2): *buakearo* (plano-baixo); *dehko* (nível intermediário); *muhapearo* (alto-plano); *yapa* (término); *nukaro* (início). Conforme figura a seguir, essa proposta de categorização foi diagramada por Dagoberto Azevedo (2018) na obra supracitada.

Figura 2 – Divisão do relevo geomorfológico na visão dos *Kumuã Yepamahsã*.



Fonte: Livro Agenciamento do mundo pelos KUMUÃ YE'PAMAHSÃ (ilustração de Felipe, colombiano).

Em cada formação, há uma complexa composição de solo: *di'ta wari bua nuhku* (terra arenosa de floresta), *di'ta ñiri bua nuhku* (terra preta de floresta), *di'ta witari bua nuhku* (terra argilosa de floresta), *omã dia ñiri bua nuhku* (terra cor de rã de floresta), *omã dia nuhku soãri bua* (floresta de terra vermelha), *pahsí* (tabatinga) e *ewu buhtise* (tabatinga branca), *ewu soãse* (tabatinga vermelha), *ewu ñise* (tabatinga preta). Nessa obra de Dagoberto Azevedo (2018) é possível vislumbrar uma “geologia *yepamahsã*”, conhecimentos sobre elementos da paisagem que garantiram aos povos indígenas do Alto Rio Negro saúde e bem-estar na região que habitam há pelo menos 2 mil anos.

Os espaços do *Di'ta Nuhku* compreendem elementos de origens míticas dos quais são extraídos princípios curativos pelo *bahsese*, como plantas míticas, ou seja, plantas que estão presentes nas mais antigas narrativas. O espaço é subdividido em *Di'ta Nuhku darabaase* (terra/floresta cultiváveis), e *Di'ta Nuhku Darabaatise* (terra/floresta não cultiváveis).

As técnicas aplicadas no espaço *Di'ta Nuhku darabaase* foram ensinadas aos *Yepamahsã* por *Bahsebo*, era ele que detinha, antes de tudo, as fórmulas de *bahsese* de trabalho de roça, de técnicas e de critérios de escolha para o desenvolvimento do manejo para uso das comunidades, respeitando as etiquetas perante aos *waimahsã*.

O *Di'ta Nuhku Darabaatise* é um espaço formado por solos improdutivos para agricultura, no entanto podem ser encontradas algumas árvores frutíferas comestíveis e matérias-primas para a construção de casas, habitat dos animais e outros fins. Para

acessar esses espaços, o *kumu* deve tomar os devidos cuidados com o *bahsese wetidarero* (proteção), pois, esses espaços, são de domínio dos *waimahsã*.

A geomorfologia descrita pelos *Kumuã Yepamahsã* corresponde a divisão clássica de relevo: planície, encosta, depressão e planalto. A composição dos solos está relacionada ao seu ambiente de formação e ou deposição, bem como sua utilização para o uso e ocupação humana.

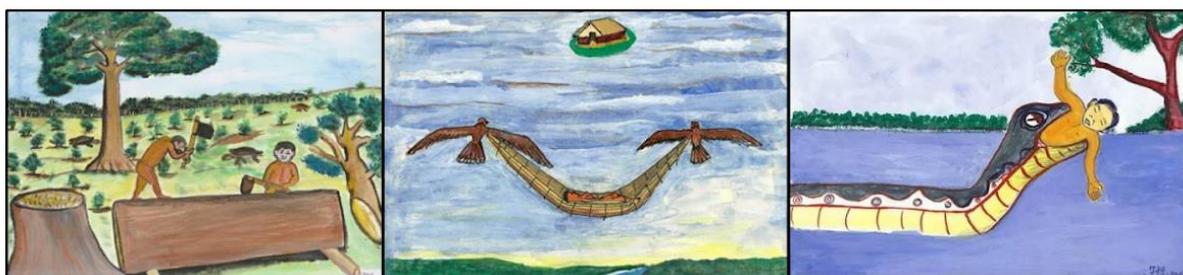
O conhecimento *Yepamahsã* bem estruturado do espaço *Dí'ta Nuhku* por meio do *kihti ukuse*, com agenciamento do *bahsese*, demonstram a perfeita organização do sistema do pensamento *Yepamahsã* sobre elementos de interesse geológicos.

5. Obras de Feliciano Lana

Feliciano Pimentel Lana foi o nome que recebeu dos padres. Seu nome de Bahsese é Sibé. Ele nasceu na aldeia São João Batista, no Rio Tiquié, em 1937, estudou no colégio interno Salesiano, no Distrito de Pari-Cachoeira, casou-se com Joaquina Machado Tukano, e passou a viver na cidade de São Gabriel da Cachoeira/AM a partir de meados da década de 1990. Feliciano Lana faleceu em 12 de maio de 2020, em sua casa, na aldeia São Francisco, no Alto Rio Negro, vítima de parada cardiorrespiratória, com suspeita de Covid-19.

Utilizando tinta guache sobre papel, Feliciano Lana se tornou um artista de referência do noroeste do Amazonas para o mundo, ao retratar a cultura de seu povo. Como nas pinturas que ilustram indígenas engolidos por peixes ou carregados em rede por aves. Ele mostrou ao mundo os troncos cortados com serra elétrica às margens do rio, o desmatamento chegando à comunidade (Figura 3).

Figura 3 – Pinturas de Feliciano Lana.



Fonte: compilação do autor: Imagens de reprodução da Exposição no Museu da Amazônia, em Manaus, 2016.

Em suas telas, Lana ilustrou seu povo não somente como cenário, mas como memória daquilo que nos queriam apagar. Pintava todo o simbolismo que imaginava sobre Deus, conforme a denominação cristã, mas também tudo que se relacionasse à cosmologia indígena.

Na década de 80, a obra de Feliciano Lana viajou pela França, Áustria e Alemanha, como em uma mostra no Museu de Etnologia de Frankfurt. Em 2016, ganhou a mostra no Museu do Amazonas. Ainda na década de 80, o artista plástico se tornou também escritor. Ele é o autor e o ilustrador do livro “A origem da noite & como as mulheres roubaram as flautas sagradas”, publicado em 2009 pela Editora da Universidade Federal do Amazonas (Edua).

5.1. Diadoé na obra de Feliciano

Duas das telas do artista Feliciano Lana apresentam o *kihti ukuse* de *Diadoé* (cobra Traíra), a mesma narrativa relacionada acima: “*Ñokoãtero-oãku e Diadoé*” dos *Yepamahsã*.

A partir das pinturas do artista Desana Feliciano Lana, é possível conectar as pinturas a algumas feições geológicas/geomorfológicas da área selecionada, a exemplo da narrativa de *Diadoé*, que compreendem a paisagem da área periurbana do município de São Gabriel da Cachoeira. Como o estreitamento do rio em frente ao morro da Fortaleza (Figura 4-e), correspondente a pintura de Feliciano, da captura da cobra Traíra na armadilha de *matapi* no mesmo trecho (Figura 4-a). Da mesma maneira tem-se a ocorrência do aplito granítico (Figura 4-c) associado a pintura do artista Desana ao esartejamento da cobra Traíra (Figura 4-b) na região de São Gabriel da Cachoeira as margens do rio Negro, atualmente situada a 80 metros a sudeste da sede da FUNAI, na margem da rua e é de fácil acesso, na Av. Pedro Massa.

Figura 4 – a) captura da cobra Traíra, Pintura de Feliciano Lana; b) esquartejamento da cobra Traíra, Pintura de Feliciano Lana; c) aplito graníticos em via pública na cidade de São Gabriel da Cachoeira; d) detalhe da textura do aplito granítico; e) estreitamento em frente ao morro da Fortaleza



Fonte: Compilação da autora

Aplitos são rochas eqüigranulares de granulação fina, que ocorrem como veios e diques no interior dos corpos plutônicos, geralmente de natureza granítica, e origina-

se no estágio final da evolução de um magma granítico. Essa feição atualmente também é entendida pelos mais antigos como a cobra que foi esquartejada, de onde é possível retirar escamas da cobra “mítica” para bahsese. As escamas descritas pelo antigos correspondem às placas de biotitas e muscovitas (minerais micáceos e placóides).

6. Considerações finais

O estudo sobre a relação/conexão entre os elementos da geodiversidade e os lugares sagrados para os povos indígenas do alto Rio Negro podem ser compreendidos e melhor aprofundados a partir da epistemologia *Yepamahsã* elaborada a partir do trabalho coletivo de intelectuais indígenas e não indígenas, possibilitando a aplicação dos conhecimentos *Yepamahsã* a outras áreas de conhecimento, a exemplo da Geologia.

Para isso é necessário que a sistematização do conhecimento indígena seja mais difundida para outras áreas de pesquisa científica além das ciências sociais e antropológicas, tendo em vista que o conhecimento indígena abrange todos os aspectos materiais e imateriais deste mundo e de outras dimensões cosmológicas.

7. Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Dagoberto. Lima. **Agenciamento do mundo pelos Kumuã Ye’pamahsã**: o conjunto dos Bahsese na organização do espaço Di’ta Nuhku = Yepamahsã mahsise, tʰoñase bahsesepʰ sañase nisé mahsiõri turi ni a’ti pati Di’ta Nʰkʰe kahāsere Manaus: EDUA, 2018. (Coleção Reflexividades Indígenas).

BARRETO, J. P. L. et al. Omerõ: **Constituição e circulação de conhecimento Yepamahsã (Tukano)**. Manaus: EDUA/Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena (NEAI), 2018.

DIAKURU & KISIBI. **A mitologia sagrada dos antigos Desana do grupo Wari Dihputiro Põrã**. Coleção de Narradores Indígenas do Rio Negro. São Gabriel da Cachoeira: FOIRN/ISA, 1995.

SCOLFARO, A. Geografia indígena e lugares sagrados no rio Negro: Instituto Socioambiental (ISA), **Revista de Antropologia da UFSCar**, p. 229-257, 2014.

SOUZA, A. G. H. **Petrografia e geoquímica do batólito granítico São Gabriel da Cachoeira, Província Rio Negro (AM)**. Universidade Federal do Amazonas, Dissertação de Mestrado, 2009.